

UM LIVRO DE BOA POESIA

Gerson Valle

Viver (não) é tudo, de Alcides Buss, Caminho de Dentro Edições, Florianópolis, 2015 . A poesia de Alcides Buss caminha. É como se ela seguisse sempre em frente, inspirada no tempo que nos move. Isto, aliás, se torna explícito no livro em questão, dividido em quatro partes, digamos, de boa quantidade de poemas, como se fossem as quatro estações do ano mesmo que começando pelo mês de janeiro, e uma última parte com apenas um poema para retornar a novo janeiro, novo início do ano, retomada do ciclo. E o tempo se torna mais presente com o calendário do mês que vem na página de cada poema. O ciclo se perfaz com novo início. Isto é uma constante da observação do poeta. O “eterno retorno” nietszchiano? Os dois primeiros versos do livro já alertam: “O ano termina. / O ano começa”. E o próprio livro termina com: “Acolha-nos o tempo / como quem, à maneira da Terra, / faz germinar / o que seremos”. O tempo está, mesmo prevendo o retorno, em caminhos diversos que se tomam: “Os caminhos são tantos, são tantos, / mas se entrelaçam em dúvidas / no coração deserto”. E mesmo sabendo que “não há volta / sem voltarmos ao nada”, este “nada” é anterior “a novo começo”. “Nada é para sempre.” // “Mas este abraço de humanidade / é tão crucial, / tão contundente, que nos fazemos crer, até / que tudo é para sempre.” Como prova do sempre em conflito com o nada, adverte: “Viver não é dormir. / Viver é acordar.” Os poemas se afirmam no caminho e no tempo: “Você vê que o tempo se esvai / e se aflige com isto. // Os cabelos ficaram brancos. / A pele perdeu o viço” ... “O tempo nem mesmo existe. / O que existe é o corpo / e sem você, não é ninguém.” Citar apenas fragmentos é muito pouco. Mas, eles nos posicionam na tônica dominante do livro. Ainda dentro do tema: “Anoiteci / pra esperar o novo dia.” E agrada-me repetir estes dois versos: “Anoiteci” é, em si, um verso miraculoso! Não necessita (nem pede) complemento. Quem se anoitece se basta como acontecimento. Intransitivamente. Mas, se existe um “anoitecimento” ele ocorre “pra esperar o novo dia”! Este tipo de constatação de aparência óbvia, e até redundante, aparece com frequência na poesia de Buss. Entretanto, a sua obviedade, ou mesmo redundância só são concretas no sentido prosaico de uma frase. Ao se tornar poesia elas se engrandecem, tomam em sua forma poética a verdade, a essência para a nossa sensibilidade existencial.

Não posso deixar de reproduzir um poema inteiro que não só exemplifica seu tom aparentemente prosaico preenchendo nossa sensibilidade poética por sua colocação em evidência do que nos toca, como pela atualidade do tema político:

“Eis uma coisa

que não podemos fazer sozinhos:

eleger governantes.

*De antemão sabemos
que ninguém responderá plenamente
por nossos anseios
e sofridas esperanças.*

*Que bom seria se pudéssemos
levar a vida sem Governo,
cada um e todos respondendo por seus atos
em exercício de liberdade!*

*Está provado, sim, agora este sonho
não é possível. Cabe-nos então
votar, eleger, aceitar.*

*Mas como dói engolir
tudo o que fazem e dizem
em nome desse poder
que lhes damos!"*

(Jornal Poiesis, RJ)

Gerson Valle é poeta e escritor,
membro do conselho editorial do Jornal Poiesis e
membro titular da Academia Brasileira de Poesia.